

## **História e Memória em Anatol Rosenfeld: questionamentos a respeito de uma trajetória singular**

**MARIA ABADIA CARDOSO\***  
**Universidade Federal de Uberlândia**

Eis o que pensei para que o mais banal dos acontecimentos se torne uma aventura, é preciso e basta que ponhamos a narrá-lo. É isso que ilude as pessoas: um homem é sempre um narrador de história. Vive rodeado por suas histórias e pelas histórias dos outros, vê tudo o que lhe acontece através delas e procura viver sua vida como se a narrasse.

(Sartre, 2005: 20)

De acordo com as palavras descritas acima, a narrativa tem uma função primordial na vida dos homens: ela é o divisor de águas para o estabelecimento do que se determina ou não como banal, assim como ela é o que permite dar visibilidade ao que se vive. Eis o olhar que Antoine Roquentin, protagonista de **A Náusea**, lança sob a atividade de narrar. Façamos o exercício de nos inserirmos no universo das afirmações deste personagem, mas com a condição: pensemos o papel da narrativa no trabalho do historiador.

De início questionemos: é possível nos colocarmos como historiadores frente à narrativa e, ainda assim, mantermos a mesma posição de Roquentin. Se nossa atividade pauta-se em “descrever” o passado – o que é, fundamentalmente, a matéria-prima neste processo – e criar novas afirmações sobre ele, por qual motivo as palavras deste personagem nos causa certo desconforto? Enfim, estas indagações nos reportam a uma reflexão de suma importância: como pensar a narrativa em História? Outras possibilidades advém daí: se aproximamos a história ao campo das narrativas, como distingui- lá de um romance? Ou, ao contrário, se a definimos como ciência, é possível encontrar a objetividade e a neutralidade do conhecimento que nela se procura?

Estas indagações nos levam a afirmar que o método – a forma pela qual nos movimentamos em meio à documentação – não está separado da escrita – resultado de nosso trabalho. E isso interfere na determinação do que seja história; felizmente, não fazemos um trabalho dividido em duas partes, onde, na primeira, descrevemos um

---

\* Universidade Federal de Uberlândia.

prefácio contendo as nossas referências teórico-metodológicas e, na segunda, o “restante” da pesquisa composto pelo conteúdo.

Tais colocações, aparentemente teóricas, são importantes para pensar o objeto desta pesquisa, a saber, a produção intelectual de Anatol Rosenfeld. Produção esta que versa sobre uma variedade de assuntos, situados nos campos da antropologia, teatro, filosofia, literatura e estética<sup>1</sup>. Não é aleatoriamente que as denominações de ensaísta, crítico literário e professor de estética e filosofia se condensam em um único intelectual. Conforme evidencia Décio de Almeida Prado:

Mas talvez o traço distintivo de sua obra crítica esteja nessa capacidade de entrecruzar várias áreas do saber, iluminado umas através das outras. Sendo especialista no sentido rigoroso da palavra em mais de um setor podia encarar com igual propriedade o poeta enquanto filósofo e o filósofo enquanto poeta. [...]. Ia do embasamento teórico à obra de arte viva, recuava ao passado ou debruçava-se sobre a escola literária em gestação, sempre com a mesma curiosidade, a mesma penetração analítica. (PRADO, 1995: 18)

Certamente uma das primeiras questões é que esta pesquisa será efetivada em temporalidades distintas: o momento que Anatol Rosenfeld produz seus escritos e o momento que estes se transformam em objeto de reflexão. Em outras palavras, a complexa relação entre o passado e o presente.

Após esta breve descrição do objeto, verifico que uma possibilidade de compreender a correlação das duas temporalidades é lançar-me no processo criativo de Anatol Rosenfeld. Considerando que não vivenciei este processo, a forma que tenho para “reinstaurar” este passado é localizar seus fragmentos, tanto por meios dos próprios escritos de Rosenfeld, quanto por meio da “memória” daqueles que foram seus contemporâneos. Como pensar a narrativa neste movimento? Esta pergunta se torna fundamental, pois, aqui, a narrativa deve ser incorporada tanto no trabalho de pesquisa –

---

<sup>1</sup> A construção deste repertório fez-se em espaços distintos. Assim, em Berlim desenvolvia um doutorado sobre romantismo alemão, mas a subida do nazismo ao poder o obriga a deixar momentaneamente as letras e a filosofia. Rosenfeld chega ao Brasil em meados da década de 1930, onde realiza trabalhos em uma lavoura no interior do estado de São Paulo e posteriormente torna-se vendedor de gravatas. “Percorrida metade da parábola usual do imigrante, a metade mais penosa, [...], abandonou-a para voltar às origens. Retornou aos livros, aos artigos, às aulas particulares, ao trabalho jornalístico, fazendo-se uma espécie de intermediário entre a cultura alemã, que conhecia tão bem, e a brasileira, que começava a amar. (PRADO. Décio de Almeida. Em memória de Anatol Rosenfeld. Guinsburg. Jacob; FILHO, Plínio Martins (Orgs.). **Sobre Anatol Rosenfeld**. São Paulo: Com-Arte, 1995, p.15-18.) Este envolvimento com a cultura brasileira o leva não apenas a adaptar-se à sua língua, como também a tornar-se o primeiro titular do Suplemento Literário de O Estado de São Paulo em 1956. Ocupando assim um lugar de destaque na vida cultural paulistana nos anos de 1950 e 1960. É certo que esta trajetória será fonte de problematização. Para tanto a seguinte obra será de suma importância: ROSENFELD, Anatol. **On The Road**: ficção. São Paulo: Perspectiva, 2006.

“tato” com a documentação – quanto no produto final – a escrita. Sem dúvida, Carlo Ginzburg, me auxilia nesta reflexão:

Contra a idéia rudimentar de que os modelos narrativos intervêm no trabalho historiográfico, apenas no final, para organizar o material coletado, busco mostrar que, pelo contrário, eles agem durante todas as etapas da pesquisa, criando interdições e possibilidades. (GINZBURG, 2002: 44)

Fazendo uma mediação entre as questões postas anteriormente sobre o trabalho do historiador e a problemática deste tema de pesquisa, não há dúvidas que a narrativa pode e deve ser pensada nestas dimensões propostas por Ginzburg. Visto que, ao construir validades sobre a produção de Rosenfeld, verifico que o olhar que lanço para minha documentação estabelece uma nova temporalidade, situada no “presente” e, também, ao direcionar para as fontes vejo a possibilidade de construir interpretações sobre seus agentes, porém não “ocupo” seu lugar, ou seja, não dou voz ao outro, apenas conduzo o momento que ele entra em “cena”. Não é aleatoriamente que Walter Benjamin, em suas **Teses sobre o conceito de história**, destaca a “superioridade” da narrativa frente às outras formas de escrita: “O cronista narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”. (BENJAMIN, 1993: 222-223)

Avaliando estas afirmativas não há dúvidas de que “a história nunca deixou de narrar”. Vê-la enquanto tal é trazer à tona as diversas lutas e processos engendrados. Mas a narrativa em história tem uma especificidade e esta deve ser considerada. Para tanto, posso fazer referência à dois autores: Idelber Avelar e Jeanne Marie Gagnebin. Vejamos em que sentido os autores me auxiliam a refletir sobre este tema.

**Em A escrita do luto e a promessa de reinstuição**, Avelar faz uma reflexão sobre o “divórcio entre a narrativa e a experiência” por meio da obra **Em estado de memória de Tununa Mercado**, exilada argentina que volta para seu país após a queda do regime ditatorial.

Avelar explicita que existe uma literatura pós-ditatorial envolvida com a chamada “redemocratização” e a sua condição de possibilidade é o esquecimento das vítimas. A obra de Mercado se inscreve do lado oposto, ou seja, sua narrativa é próprio ato de intervenção política neste contexto. Ao recuperar que alternativas eram possíveis, este trabalho me inspira a refletir sobre o papel, o comprometimento que a narrativa pode

adquirir e o campo de análise que aí se abre para o historiador. Para além da reflexão passado e presente, tema tão “caro” aos historiadores.

**Em Estado de memória**, texto obcecado pelo impacto do passado – impacto cifrado em seu título, que também obviamente alude a um estado presente, o estado (do) presente das coisas – revela-se um texto totalmente orientado em direção ao futuro. Mais do que perguntar que futuro pode ser imaginado após as ditaduras, ele se pergunta pela modalidade em que outra relação com o futuro possa ser estabelecida. (AVELAR, 1993: 258)

Em um caminho próximo, está o texto **Verdade e memória do passado**, onde Gagnebin também reflete sobre a narrativa em história. A autora explicita que a história é narrativa, mas dispõe de uma missão constrangedora: é necessário lutar contra o esquecimento e a denegação, lutar, em suma, contra a mentira, mas sem cair numa definição dogmática da verdade. È nesse sentido que ela recupera Benjamin: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo tal como ele propriamente foi. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela cintila num instante de perigo”. (BENJAMIN, 1974:214)

Acredito que esses dois autores são de extrema importância para refletirmos sobre o papel da memória na história. No primeiro caso, Avelar demonstra isso em sua própria pesquisa, no movimento que faz sobre a documentação. Já Gagnebin reforça esta análise na discussão historiográfica que promove.

Podemos afirmar que o grande interlocutor destes dois autores é Walter Benjamin, especificamente em seu texto **Experiência e pobreza**. A memória ganha novos contornos pelo viés da experiência, correlacionando-a com o universo da técnica. Segundo o autor, o início do século XX com a primeira Guerra Mundial e toda defesa da tecnologia será um “marco divisor” para a experiência humana. Em meio a este processo, como fica a narrativa que seria a possibilidade da transmissão de experiência entre diferentes gerações? Assim, Benjamin questiona-se: “[...] quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? [...] Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?” (BENJAMIN, 1993: 113)

Para Benjamin, a guerra deixou os homens mais pobres de “experiências comunicáveis” e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento da técnica aprofundou este abismo. Diante de tal constatação poderemos nos questionar: a idéia de progresso e

avanço tecnológico não deixa espaço para a memória. Assim, como Benjamin vê na história um campo de possibilidades, essa “pobreza de experiência” é também uma “centelha de esperanças”:

[...] pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, *que algo decente possa resultar disso*. (destaque meu) (BENJAMIN, 1993: 114)

A abordagem apresentada neste pequeno percurso nos permite lançar olhares sobre a relação entre passado e presente e, neste exercício reflexivo, a memória torna-se o “fio condutor” de intervenção no próprio presente.

Num caminho próximo, mas associando a temática da memória sob outros aspectos, em especial às questões teórico-metodológicas, Astor Antonio Dielh nos apresenta outras possibilidades associadas à memória, a exemplo, a distinção entre “lembrança” e “memória”. Segundo ele a primeira está localizada no passado de forma estática; já a segunda, possui contextualidade e pode ser atualizada historicamente. Diante desta distinção, podemos nos questionar: qual a consequência metodológica em considerar uma ou outra instância?

Por todas essas questões postas até o momento, há outra noção que perpassa toda a minha pesquisa: a representação. A sua definição é complexa, às vezes até ambígua: “por lado, a ‘representação’ faz às vezes da realidade apresentada e, portanto, evoca a ausência; por outro torna visível a realidade apresentada e, portanto, sugere a presença”. (GINZBURG, 2001: 85)

Ginzburg em seu texto **Representação: a palavra, a idéia e a coisa** debruça sobre o tema da representação tendo por referência os manequins de cera dos reis franceses e ingleses. O autor verifica que a prática de exibir nos funerais de soberanos esses manequins era comum também em funerais de imperadores romanos nos séculos II e III. Mediante esta constatação se questiona: Devemos supor uma filiação ou descoberta?” Nesse sentido, se tem uma prática semelhante em momentos distintos. Mas para ele é de suma importância compreender esta prática do ponto de vista de uma perspectiva histórica.

A abordagem sobre o tema da representação esteve também dentre as principais preocupações de Roger Chartier. Segundo ele, em seu texto **La historia entre representacion y construccion**, as representações coletivas permitem articular três

modalidades com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e recorte produz classificações intelectuais múltiplas e permite que a realidade seja contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; em segundo lugar, essa construção permite o reconhecimento de uma “identidade social”, uma forma específica de estar no mundo; em terceiro lugar, tudo isso permite de modo claro a existência do grupo, da comunidade ou da classe. (Cf. CHARTIER, 1999)

A representação há que ser considerada em duas dimensões: a primeira deve-se ao fato que ao debruçarmos sobre o passado não o encontramos “tal qual ocorreu”, mas identificamos seus vestígios e fragmentos. Estes, por sua vez, foram construídos e deve ser apreendidos não como uma verdade em si, mas como uma representação. “[...] todo conhecimento da humanidade, qualquer que seja, no tempo seu ponto de aplicação, irá beber sempre no testemunho dos outros uma grande parte de sua substância”. (BLOCH, 2001: 70)

A segunda dimensão refere-se ao significado que a presença de Rosenfeld adquiriu no Brasil nos anos de 1950 e 1960. Para tanto, uma abordagem inicial poder ser efetivada com um documento em que as memórias dos agentes que foram seus interlocutores adquirem diferentes tonalidades. Vejamos em que medida.

### **Questionamentos A Respeito De Uma Trajetória Singular**

Há dez anos falecia Anatol Rosenfeld. Neste espaço de tempo, tirando-se o tributo de testemunho que, com tanta perspicácia crítica e irônica empatia, Roberto Schwarz lhe prestou em 1974, sua figura e sua produção intelectual não foram objeto de nenhuma reavaliação mais ampla. Na verdade, quase nada se escreveu a seu respeito. No entanto no interior desta própria espécie de sombra de esquecimento em que aparentemente se viu lançado, o seu nome foi crescendo como uma presença importante no processo cultural paulista e brasileiro dos anos 50 e 60.

J. Guinsburg,  
1984.

Datada dos anos de 1980, a passagem transcrita acima revela o “lugar” que Anatol Rosenfeld adquiriu no meio intelectual brasileiro. Sobremaneira, salta aos olhos dois aspectos singulares: ausência de referência a respeito de sua produção e presença marcante no processo cultural brasileiro dos anos de 1960 e 1970. Em verdade, ausência

e presença são termos contraditórios e que, dado o “objeto” a que se referem, exigem uma análise aprofundada.

A colocação de J. Guinsburg se insere num projeto mais amplo que é o livro **Sobre Anatol Rosenfeld** (1995). Reunindo comentários e depoimentos de diversos intelectuais, a referida obra marca o vigésimo aniversário da morte de Rosenfeld. O livro é dividido em cinco partes. Dentre elas, a denominada “O fim de um homem livre” conta com colocações de Décio de Almeida Prado, Nogueira Moutinho, Julieta de Godoy Ladeira, Osman Lins e Modesto Carone. Verificamos aqui aspectos de sua chegada ao Brasil e sua atuação no meio intelectual brasileiro. Vejamos algumas passagens:

A chegada ao Brasil, em meados da década de 30, marcou o início de um ciclo forçosamente diverso. Ele trabalhou a terra com as próprias mãos como qualquer imigrante, [...], visitou cidadezinhas pobres do nosso interior, vendendo gravatas. Percorrida metade da parábola usual do imigrante, a metade mais penosa, [...], abandonou-a para voltar às origens. Retornou aos livros, aos artigos, às aulas particulares, ao trabalho jornalístico, fazendo-se uma espécie de intermediário entre a cultura alemã, que conhecia tão bem, e a brasileira, que começava amar. E jamais quis ser mais do que isso. Convidado com insistência para cargos estáveis, [...], recusou sempre. (PRADO, 1995: 16)

Sempre o comparei mentalmente com Walter Benjamin: como o grande crítico judeu-alemão, Rosenfeld também preferiu manter-se à distância da carreira universitária, embora lhe sobrassem largamente títulos para nela gravitar. (MOUTINHO, 1995: 20)

As duas passagens revelam um dos “traços” de Rosenfeld que será nesta obra sempre retomado: a sua opção por não se institucionalizar.

O subtítulo “Marcas de um mestre” apresenta textos de J. Guinsburg, Mauro Chaves, Antonio Candido, entre outros. Desta parte, pode ser destacado:

Penso que gostava das tarefas que lhe permitissem ser útil sem a quebra da liberdade de movimento, como no caso de certas formas de diálogo, real ou virtual, que permitem desdobrar as ideias a plantá-las no mundo. Assim foi que aceitou a seção de Letras Germânicas no Suplemento Literário de **O Estado de São Paulo**, desde o seu início em 1956; e este foi o veículo que revelou ao país o grande intelectual até então só conhecido pelos amigos. (CANDIDO, 1995: 54)

Conforme observamos estas passagens destacadas revelam: a chegada de Rosenfeld no Brasil, a sua opção pela independência institucional e o seu repertório filosófico, estético e cultural. Percebemos ainda que a sua presença no ambiente

intelectual brasileiro foi importante, não é aleatoriamente que muitos intelectuais se propuseram a escrever sobre ele.

Todavia, o livro **Sobre Anatol Rosenfeld**, ao ser lido como documento para recompor a trajetória de Rosenfeld, deverá ser problematizado com as seguintes nuances:

a) Há uma apropriação da idéia entre os agentes que rememoraram o perfil de Rosenfeld? Qual a consequência deste rememorar?

b) Quem são estes agentes? De que lugar eles “falam”?

c) Qual memória está contida nestes depoimentos?

d) Em que temporalidade nos remetem?

e) Qual a lembrança, de acordo com as acepções de Diehl, permanece? Como esta lembrança se organiza frente a outros documentos?

f) As representações que se construíram sobre Rosenfeld foram feitas à luz de uma “presença” ou “ausência”? E qual a consequência metodológica em considerar uma ou outra instância?

g) Os agentes (“representantes”, de acordo com a discussão de Chartier) que escreveram sobre Rosenfeld estabelecem uma realidade sobre sua presença? Ou formam um grupo?

h) As percepções destes agentes são singulares ou podem ser estendidas e compreendidas como “meio intelectual brasileiro”? Esta última questão é colocada porque se de um lado, a importância de Rosenfeld é questão unânime para os intelectuais que o rememoraram, por outro lado, analisando diferentes textos que retratam os “lugares” que Rosenfeld atuou, a sua importância parece ser posta em questão. São eles:

A dissertação de mestrado de Elisabeth de Souza Lorenzotti intitulada **Do artístico ao jornalístico**: vida e morte de um suplemento. Dentre outros documentos, a autora utiliza-se do projeto de criação do Suplemento e entrevistas com Antonio Candido (idealizador), Décio de Almeida Prado e Ítalo Bianchi. Este empreendimento foi abordado em termos de: nascimento do projeto, autonomia do suplemento em relação ao jornal e sua escolha por uma publicação que privilegie a análise e a reflexão: “publicação não jornalística, mas artística e literária”. (LORENZOTTI, 2002:32)

A revista **O percevejo** no ano de 1995 publicou um dossiê intitulado “Memória da crítica brasileira”. São apresentados textos de: Otto Maria Carpeaux, Sábato Magaldi, Antonio Candido, entre outros. De maneira geral são artigos que problematizaram: as instâncias que o trabalho de crítico “depende” (do jornal, do tipo de teatro em voga, o público para o qual se escreve, etc.), o fato de a crítica ser uma das principais fontes para o estudo da cena, estreita relação entre modernização do teatro e da crítica.

A dissertação e o dossiê foram citados para mostrar que, se de um lado, Rosenfeld é rememorado por um número considerado de agentes, por outro, no trabalho que investiga a criação do Suplemento e no dossiê sobre a memória da crítica brasileira seu nome não é mencionado. Há uma ausência. Mas se retornarmos ao livro **Sobre Anatol Rosenfeld**, verificaremos que há uma apropriação da idéia de sua importância para o teatro e a cultura no Brasil. Assim, a seguinte colocação de Vesentini é inspiradora: “Além da força crescente das camadas interpretativas e da repetição constante, o primeiro apelo vem da época”. (VESENTINI, 1997: 128) Assim, para avaliar sua presença faz-se necessário “voltar ao processo”, ou seja, retornar ao momento de sua atuação.

Esse exercício reflexivo e aparentemente teórico está imbricado de conseqüências históricas. E como tal, traz algumas indagações: A escolha de Rosenfeld por não institucionalizar<sup>2</sup>, algo tão rememorado nos depoimentos que compõem o livro, nos leva a questionar o que eram as instituições neste momento? Quais as instâncias de poder, de sociabilidades e de traços de influência nelas presentes? Ao mesmo tempo, a não vinculação a um determinado lugar traz conseqüências para seu repertório e para sua entrada na cultura brasileira.

Percebemos assim que, recompor a trajetória deste intelectual requer que a consideremos em termos formais e históricos. Certamente os conceitos de memória e de representação fornecem subsídios para uma possível leitura deste passado.

---

<sup>2</sup> Na introdução da obra Carl E. Schorske intitulada **Pensando com a história** encontramos a seguinte passagem: “Escolha uma matéria prima, como estanho, em alguma colônia africana. Faça seu primeiro trabalho de graduação sobre esse tema. Desenvolva sua tese sobre ele. Amplie para um ou dois países e escreva um livro. Enquanto você afunda sua vida mental nisso, seu sustento e um lugar de estima nas galerias do saber estarão garantidos.” (SCHORSKE, Carl E. **Pensando com a História: indagações na passagem para o modernismo**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia. Das Latras, 2000, p. 34. Em verdade, este foi um conselho citado de forma crítica por Schorske e revela o “sucesso na carreira universitária”. Este caminho demonstra o lado oposto que Rosenfeld trilhou, não estava entre suas preocupações garantir um lugar na academia. O que seria um dos indícios para refletir sobre sua ausência.

## **BIBLIOGRAFIA:**

AVELAR, Idelber. A escrita do luto e a promessa de reinstituição. In: \_\_\_\_\_. **Alegorias da derrota**: a ficção ditatorial e o trabalho de na América Latina. Tradução de Saulo Gouveia. Belo Horizonte: UFMG, p. 235-264.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**: ensaio sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. v. 1. (Obras escolhidas).

BLOCH, M. **Apologia da história**, ou, o ofício do historiador. Tradução de Andre Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CHARTIER, R. La historia entre representacion e construcion. **Atas Seminário nternacional Dimensão da História Cultural**. Belo Horizonte: Unicentro Newton Paiva, 1999.

GAGNEBIN, J. M. Verdade e memória do passado. Projeto História, São Paulo, EDUSC, n. 17, p. 231-221, Nov. 1998.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força**: história, retórica, prova. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Cia. Das Letras, 2002.

GUINSBURG, Jacob; FILHO, Plínio Martins (Orgs.). **Sobre Anatol Rosenfeld**. São Paulo: Com-Arte, 1995.

LORENZOTTI, Elisabeth de Souza. **Do artístico ao jornalístico**: vida e morte de um suplemento. 2002. Dissertação. (Mestrado em Jornalismo). Escola de Comunicações e Artes (ECA). Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. **A Náusea**. Tradução de Rita Braga. 12 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2005. 253 p.

SCHORSKE, Carl E. **Pensando com a História**: indagações na passagem para o modernismo. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia. Das Latras, 2000.

VESENTINI, Carlos Alberto. **A Teia do Fato**. São Paulo: Hucitec, 1997.